

ACADEMIA JUIZ-FORANA DE LETRAS

(Discursos proferidos por Vivaldi Moreira, presidente da Academia Mineira de Letras, e por Wilson de Lima Bastos, presidente da Academia Juiz-forana de Letras, na instalação desta última, em maio do corrente ano.)

1. Discurso de Vivaldi Moreira

Há, precisamente setenta e dois anos, um grupo decidido de intelectuais desta cidade fundava a agremiação que hoje presido — a mais importante matriz de cultura de nosso Estado. Tudo isso se deveu a esse pupilo de idealistas sob a liderança de Machado Sobrinho, o mais idealista e o mais decidido de todos os que se agremiavam para criar um núcleo de homens de letras com a finalidade específica de todas as Academias.

Sob bons auspícios nasceu a Academia Mineira de Letras reunindo o que de melhor havia nas letras e no jornalismo não só da Manchester Mineira, mas arrebanhando os valores em todo o Estado, para compor o quadro inaugural dos quarenta membros fundadores. Eduardo de Menezes, médico notável, poeta e prosador de fino quilate, foi o presidente escolhido, reservando Machado Sobrinho para si a secretaria-geral da entidade, e de sua diretoria inicial fizeram parte os nomes mais prestigiosos do escol intelectual daquela aurora do século: Brant Horta, Belmiro Braga, Heitor Guimarães, Estevão de Oliveira, Albino Esteves, Dilermando Cruz, Lindolfo Gomes, Amanajós de Araújo e Luís de Oliveira. Esses os que, em Juiz de Fora, mantinham, nos diversos gêneros literários, a magistratura das letras no mais dinâmico centro de Minas Gerais. Tal era o prestígio desses nomes que puderam atrair para o sodalício os restantes, como o grande Alphonsus, hoje nosso padroeiro; Alvaro da Silveira, seu primeiro presidente em Belo Horizonte, geógrafo e botânico de fama continental; Arduíno Bolivar, humanista conspícuo; Avelino Foscolo, o Balzac mineiro; Bento Ernesto, que chefiava a imprensa mais ilustre em São João Del Rei; o insigne historiador Diogo de Vasconcelos; o eminente Costa Sena, deão de Ouro Preto; o filólogo Carlos Góis; o fulgurante José Eduardo da Fonseca, tribuno de largo fôlego; D. Joaquim Silvério de Souza, com sua prosa cristalina, emitindo fulgores lá da sua Diamantina e tantos, tantos outros que enobreceram as cadeiras por eles fundadas, honrando seus patronos, então pessoalmente escolhidos. Plêiade luzidia, flor da inteligência mineira, adubada, sempre por talentos adventícios que aqui desbrocharam em benefício de nossa província.

Foi tal o vigor adquirido logo pela jovem agremiação que seus denodados fundadores acharam de bom alvitre sua mudança, uma vez que a maioria dos acadêmicos residia em Belo Horizonte, e objetivos que eram no amor à instituição, entenderam que sua sede ficaria melhor na Capital do Estado. Dessa forma, visando não ao bairrismo, mas ao futuro do sodalício que com tanta fé nas letras fundaram a 25 de dezembro de 1909, votaram unanimemente sua transferência. Claro que poderiam tê-la mantido aqui. Isto foi um gesto de grandeza dos fundadores que, em benefício do grêmio tão carinhosamente criado por eles, decidiram **sponte sua** acerca de seu futuro. Em Belo Horizonte, a Academia Mineira de Letras caminhou quanto pôde e ao prestígio inicial somou novas parcelas e é hoje presente em todo o Estado. Como toda associação de nosso gênero, sofre as críticas muitas vezes injustas, outras procedentes, mas, nem sempre corretas, dadas as contingências naturais e as injunções a que está sujeita a obra dos homens. A verdade é que para dirigir essas entidades necessitamos forrarmo-nos de paciência beneditina, largueza de ânimo e prudência comprovada.

O atual presidente da Academia, que há sete decênios despoitou nesta cidade, tudo tem feito para honrar a idéia matriz dos fundadores, e sempre apoiado num grupo seletivo de companheiros, tem podido realizar seu trabalho em favor das letras mineiras.

É claro que Juiz de Fora, havendo, com desprendimento, legado à Capital sua criação, adquiriu créditos imprescritíveis em sua continuidade e composição. Mas não podia deixar de organizar uma congênere, a fim de agremiar sua esplêndida coorte de intelectuais que aqui oferecem os primores de seu espírito. Abriu mão, com galhardia, Juiz de Fora, da Academia Mineira, mas reservou, para si, mais que o direito, o dever, de instalar a Academia Juiz-forana de Letras, com a finalidade de reunir os valores locais, seus filhos mais diletos dedicados ao cultivo das letras.

E é para este auspicioso evento que, gentilmente, convidastes o presidente da Academia Mineira de Letras, a fim de instalá-la com a solenidade que é devida a esses atos. Digamos, como o cavaleiro medieval sagrava e noviço e o iniciava na Ordem, assim veio até Juiz de Fora o presidente da Academia Mineira, aqui nascida, para deitar a espada no ombro da noviça coirmã e dizer-lhe:

— Com toda a honra, sois digna continuadora das virtudes que elevaram a entidade que aqui nasceu em 1909. Ides prosseguir numa trajetória que se prolongará pelo futuro como autêntica vexilária de importância cultural e literária desta cidade carregada de tradições nos diversos aspectos da atividade dos homens.

Convenhamos em que a função do intelectual é sobretudo divergir do estabelecido, dizem os mais afoitos. Podemos acrescentar: quando o estabelecido exprime um desajuste entre a realidade injusta e as aspirações, é natural que ajudemos a destruir a Bastilha. Divergir, simplesmente, sem razão comprovada e sem possuir um acervo de idéias para a reforma do estabelecido, eis a insensatez que não merece aplauso, mas desprezo até, se preciso for, compulsão para extirpar a revolta ou heresia. O que nos aborrece e pode levar ao cisma se não for combatido pela estabilidade das Academias é a adoração fetichista da palavra, a divinização do vocábulo como o “abre-te, Sésamo”. As Academias aí estão para serem as guardiãs da palavra, mas, ao mesmo tempo, nos admoestam que somos senhores dela e não seus escravos. A palavra move o mundo e, por isso, nos cumpre domar-lhe o freio, mantê-la nos limites da composição como conduto, canal de comunicação entre os homens para a realização da paz, da felicidade, da civilização.

É um bom augúrio este de que os filhos de Juiz de Fora, em dia com as atividades da inteligência, procurem afirmar-se justamente pelo lado do espírito, não permanecendo naquela atitude descrita por Renan do **enchantement du disenchantement**, do encantamento do desencanto, que estaciona não só nossos passos, mas coagula até o sangue em nossas veias. Sou armado cavaleiro contra o ceticismo e vou além declarando guerra sem quartel ao pessimismo destruidor. Nossa geração, aquela que agora inicia o balanço da existência transcorrida entre os tumultos de duas guerras ciclônicas e teme deixar o mundo na beira de uma catástrofe sem precedentes ou só comparável ao dilúvio, — nossa geração, repito, possui uma das mais ricas experiências por que já passaram os homens de todas as épocas pretéritas. Por que então malbaratar o acervo precioso de sofrimentos e não transformá-lo em dias luminosos para nossos descendentes? E só há uma receita para não perder esse tesouro: agir com idealismo e discernimento. O idealismo é pão que alimenta a alma e o discernimento o elixir que prolonga indefinidamente a saúde dessa própria alma que gera, por sua vez, o idealismo, num moto-contínuo abençoado pelo Criador dos Mundos. Não nos devemos fatigar na pregação desses dois valores que exaltam o homem e o diferenciam dos outros seres. É justamente o idealismo que informa a criação desta Academia, que hoje inaugura suas atividades no propósito de engrandecer a cidade, agremiando e integrando seus homens de pensamento em torno daquilo que permanece depois que nosso invólucro perecível se foi. Aí está a raiz do idealismo que planta carvalho, enquanto os imediatistas preferem as couves. Dão os fundadores desta Academia sentido àquele verso do torrencial Walt Whitman: “Mostra-me aí quem foi longe, porque eu quero ir mais longe ainda...” Na biografia pessoal, assim como na das coletividades só se enfileiram na pauta do por-

vir aquelas que foram mais longe no idealismo, essa faúlha impalpável como a electricidade, mais que produz os efeitos modificadores da energia invisível.

É, pois, com a maior emoção, com a viva alegria de um coração fremente, que vos trago as saudações mais calorosas dos velhos confrades, cuja origem está plantada aqui, da Academia Mineira de Letras, a irmã já entrada em anos, herdeira do idealismo daquele pugilo de homens e que continua na senda pelo discernimento dos que a compõem e dirigem para a difusão e fortalecimento das letras em nossa querida província.

2. Discurso de Wilson Lima Bastos

Inspiração do poeta e historiador conterrâneo, membro da Belo-horizontina de Letras, Sinval Batista Santiago, a Academia Juiz-forana de Letras, fundada a 22 de dezembro de 1982, nasceu escudada nos ideais literários de um grupo de intelectuais conterrâneos. Logo de início, porém, foi crivada, e experimentada vem sendo, pelos ataques de uma oposição irrequieta.

Nos arraiais da competição a qualquer preço, tremularam bandeiras multicores, mas, no ardor da refrega, temperou-se o aço de nosso arcabouço e aqui estamos, tranqüilos e resolutos, para a sua instalação oficial.

Na sala Joaquim Ribeiro de Oliveira, nume incontestável da cultura no seu sentido mais amplo, inspiração tutelar que fora de alta ciência, das letras, das artes, e anfitrião de quantos em torno dele se empenhavam na busca do mistério, damos início, agora, à trajetória que propomos percorrer no alto sentido da dignidade literária.

Bem poucos têm chegado aos degraus galgados por Joaquim Ribeiro de Oliveira e deixado no tempo e no espaço a projeção de sua personalidade ímpar, credencinado-o como um dos nossos lídimos Mecenas. Eis que, então, neste instante, tão altos são os méritos da obra e da vida do mestre querido e do amigo cativante, jamais esquecido, propomos que seu nome imortal seja consagrado patrono da Academia Juiz-forana de Letras. Assim caminharemos firmes e tranqüilos na consecução de nossos objetivos. Oxalá possa esta Academia ser, daqui a pouco, um dos pontos de referência da cultura mineira, que não apenas juiz-forana.

Para instalá-la oficialmente convocamos o ilustre presidente da Academia Mineira de Letras, Dr. Vivaldi Moreira. Sua presença aqui tem um duplo significado: representante da intelectualidade das Minas Gerais e presidente da Academia que fora aqui criada no dia 25 de dezembro de 1909 e seis anos depois transferida para a então novíssima capital do Estado. E se estes dois significados já não bastassem, acrescenta-

ríamos que se trata de um dos mais notáveis escritores contemporâneos, nome que transpôs as fronteiras da velha Província pelo valor a cada instante mais evidenciado de sua grande obra literária.

Como presidente honrado que fui, por meus pares, carrego sobre os ombros a responsabilidade de conduzir esta casa nos primeiros tempos, e o farei com a garantia a favor de quem coloca em tudo a parcela indispensável do amor. Amor, a única força capaz de unir, o único meio com que chegamos à sublimação.

Somos daqueles que se inspiram na idéia de que as Academias de Letras devem partir para a ação dinâmica, provocando a fecunda manifestação da criatividade e estando sempre prontas a darem guarida e o necessário estímulo à presença das letras no contexto e no processo do desenvolvimento social. E, para isto, é imprescindível voltar-se ao cultivo da inteligência no exercício constante e progressivo da faculdade da abstração, hoje tão abafada e, até mesmo, desprezada pela sedução da tecnologia avançada que tem reduzido o homem a escravo da máquina.

Sente-se no ar que a juventude, insatisfeita, tenta libertar-se, procurando, na expressão verbal e poemática e em diversas outras formas de comunicação, deixar expressa a sua mensagem, no mais das vezes em estilo de protesto.

Por isto e tendo em mira o alto significado do que se denomina **idioma e literatura nacional**, esperamos confiantes que a Academia agora instalada promova todos os meios a seu alcance para abrir em nossa comunidade metropolitana e na região denominada Zona da Mata, um espaço literário à altura do passado brilhante da decantada **Atenas Mineira**.

Logo no início de nossas atividades fomos sacudidos de inopino por um grande entusiasmo e não contida alegria, isto é, a eleição unânime do nosso confrade Almir de Oliveira para a Academia Mineira de Letras. Somos da mesma época. Na flor da idade, participamos juntos de jornadas cívicas e intelectuais que marcaram época e forjaram a nossa têmpera na conquista de ideais mais altos. Escrevíamos em jornais e revistas, estávamos presentes em debates, simpósios, tertúlias de variados tipos, mas ele, mais depressa, iniciou sua carreira literária. Seu livro **Gonzaga e a Inconfidência**, com o selo da "Brasília", 1948, muito bem aceito pela crítica, marcou época. Nele evidenciavam-se os seus pendores literários mas também de arguto pesquisador e analista no complexo campo da História. O mencionado livro é bem o exemplo do grande potencial que, através do tempo, veio se desdobrando nos ensaios, livros e pesquisas históricas de alto conteúdo, que o consagram como um inequívoco e brilhante representante das letras juiz-foranas. Que ele seja uma ponte unindo as duas casas, a **Juiz-forana** e a **Mineira**, e que, juntas, elas caminhem, caminhemos nós, para um feliz e fecundo trajeto.

Meus Senhores, minhas Senhoras, caros Amigos, prezados Acadêmicos, sua presença, nesta noite, na Sala Joaquim Ribeiro de Oliveira, é um estímulo e uma promessa. Senhor Presidente da Academia Mineira de Letras, agradecemos penhorados a sua presença e, com ela, a atenção que nos há dispensado. Que o tenhamos sempre a nosso lado num trabalho em comum para a posteridade.

(*Diário Mercantil*, de Juiz de Fora, 11 e 12 de maio de 1983.)

*

GAÚCHOS RENDEM HOMENAGEM A UM EDUCADOR METODISTA

Notícia de Porto Alegre informa-nos que a capital gaúcha, a 4 de março do corrente ano prestou significativa homenagem a um antigo missionário e educador metodista, que deixou larga folha de serviços à Educação naquele Estado, inaugurando, na Capital, uma escola com o seu nome. Trata-se do Rev. William Schisler, que, por mais de quarenta anos, viveu em terras rio-grandenses, particularmente em Uruguaiana e em Passo Fundo, onde dirigiu os importantes estabelecimentos de ensino mantidos pela Igreja Metodista nessas cidades, o “Colégio União” e o “Instituto Ginásial”, respectivamente, aliás, atualmente denominados **Instituto União** e **Instituto Educacional**.

Dois ex-alunos do grande educador, Maurício e Jaime Sirotsky, proprietários da Rede Brasil Sul, organização que dispõe do jornal **Zero Hora** e da Rádio e Televisão de Porto Alegre, foram os promotores da significativa homenagem. A prefeitura doou o terreno e a Rede Brasil Sul construiu a edificação em que se localizou a escola, em um dos bairros mais populares da capital gaúcha — Menino Deus.

*